

## 5 Conclusão

*All comprehension is imagination.*

Jean Poullion

Entre todos os capítulos que compõem os três volumes de *Tempo e Narrativa*, a conclusão do último livro pode ser considerada como um dos mais instigantes. O motivo para tal caracterização deve-se ao fato de ter sido escrita quase um ano após o término do último volume da obra. Tendo em vista que este volume é considerado pelos críticos como uma síntese e como um reexame compreensivo das idéias desenvolvidas nos outros dois, a escrita deste “posfácio” (como o próprio Ricoeur indica que pode ser denominada a sua conclusão) implicou em uma releitura e revisão de todos os conceitos trabalhados anteriormente. Portanto, ela não se restringe a oferecer um resumo do longo trabalho apresentado, mas tenta explorar os limites do sistema elaborado por Ricoeur. Neste sentido, após a releitura e resignificação, é como se Ricoeur realizasse, ele mesmo, o movimento de reconfiguração proposto pela mimesis (iii). É seguindo o sentido da mimesis (iii) e da recepção da obra, tanto pelo autor quanto pelo leitor, que nos encaminhamos para as discussões finais desta dissertação. Analogamente ao filósofo francês, pretendemos nesta conclusão, além de retomar os principais pontos estudados, apontar alguns limites a que chegamos e que permanecem propensos à discussão.

Curiosamente, em ambos os textos literários aqui analisados foi possível notar um movimento similar ao de Ricoeur, de retomada e releitura da própria escrita, realizado por José Cardoso Pires no final dos seus livros. Em relação a *E agora, José?*, pudemos observar tal reflexão no último ensaio, que não só encerra o livro mas também o nomeia. Já em *De Profundis, valsa lenta*, além do posfácio, que conclui e esclarece o testemunho, observou-se a constante reflexão do autor,

ao longo de todo relato, sobre a construção narrativa que, pela distância temporal, permite a compreensão, a reconstrução e o questionamento acerca dos fatos.

Conforme visto anteriormente, o terceiro elemento do arco hermenêutico constitui um retorno ao início, porém de modo mais reflexivo. Tal retorno só é permitido pela configuração discursiva realizada pela mimesis (ii) e a sua ação mediadora entre o mundo e a reflexão sobre ele. Assim, a atividade mimética não termina no texto, mas “dirige-se e realiza-se no espectador ou leitor”<sup>1</sup>.

Ao enfocarmos esse último elemento da mimesis tripartida, é possível uma maior compreensão acerca da relação circular do tempo que se torna tempo humano na medida em que é narrado (conforme visto na primeira seção do capítulo dois). Segundo José Carlos Reis, essa circularidade proposta por Ricoeur pode ser esclarecida ao observarmos que “a narrativa humaniza ao oferecer o reconhecimento da experiência”<sup>2</sup>. E é no reconhecimento da experiência que a atividade mimética retorna ao vivido e o reconfigura. Neste sentido, a experiência muda, “informe e indizível”<sup>3</sup> ganha contornos através de uma construção poética que irá culminar na reconfiguração do mundo do qual partira.

A narrativa cria conexões que reinscrevem o tempo vivido no tempo cósmico. E o tempo vivido encontra a sua forma, expressão e reconhecimento na intriga logicamente construída. Tempo e narrativa se constituem reciprocamente: o tempo vivido é o objeto da narrativa e a narrativa é a consciência de si possível do vivido. Enquanto seu objeto, o tempo vivido oferece as condições para a sua narrativa; enquanto consciência do vivido, a narrativa sai dele e retorna a ele, transformando.<sup>4</sup>

Deste modo, como apontamos nos capítulos anteriores, a experiência não é inenarrável, mas mostra-se passível de reconfiguração e de um redimensionamento de sentido que pode levar à transformação. Esta “aposta ética da narrativa”<sup>5</sup> é um importante elemento da relação mimética com o mundo da práxis. De acordo com Ricoeur, é através dessa relação que se torna possível estabelecer uma ponte entre a Poética e a Ética, no sentido da “aplicação” que constitui o último elemento do arco hermenêutico.

<sup>1</sup> REIS, J. C., “Teoria e história da “ciência histórica”: tempo e narrativa em Paul Ricoeur”. In: FIGUEIREDO, B. ; CONDE, M. (orgs), *Ciência, História e Teoria*, p. 105.

<sup>2</sup> REIS, J. C., op. cit., p. 105.

<sup>3</sup> REIS, J. C., op. cit., p. 103.

<sup>4</sup> REIS, J. C., op. cit., p. 102.

<sup>5</sup> Cf. ARFUCH, L., *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*, p. 28.

É justamente esse caráter ético da narrativa que permite a Leonor Arfuch estabelecer um nexo no espaço biográfico que possa dar conta das narrativas sobre si, bem como da pluralidade das narrativas contemporâneas que abrem novos espaços para o social. Nas palavras da autora,

así, el espacio biográfico, tal como lo concebimos, no solamente alimentará “el mito del yo” como exaltación narcisística o voyeurismo – tonalidades presentes sin duda en muchas de sus formas -, sino que operará, prioritariamente, como orden narrativo y orientación ética, en esa modelización de hábitos, costumbres, sentimientos y prácticas que es constitutiva del orden social.<sup>6</sup>

Foi a partir dessa conexão entre o privado e o coletivo nas obras de caráter autobiográfico de José Cardoso Pires que pudemos inseri-las na multiplicidade do espaço biográfico pensado por Arfuch. Partindo de uma distinção inicial entre dois cânones de escrita autobiográfica, observamos como *E agora, José?* e *De Profundis, valsa lenta* deslocam-se entre estes dois pólos que, após a nossa análise, não parecem mais tão distantes. Tal aproximação pode ser o indício de um caminho para se pensar sobre as questões convergentes acerca do espaço biográfico na contemporaneidade que movem Leonor Arfuch e Beatriz Sarlo. Arfuch se pergunta sobre “como se compone hoy el espacio biográfico?”<sup>7</sup>, e a resposta a esta indagação constitui um dos pontos centrais do seu livro. Sarlo, por sua vez, mostra em sua obra “que outras operações, de distanciamento ou recuperação estética da dimensão biográfica, são possíveis”<sup>8</sup>.

Acreditamos que a diluição de gêneros e limites canônicos suscitada pela escrita de teor autobiográfico de José Cardoso Pires seja um modo de refletir sobre os questionamentos acima no âmbito da literatura portuguesa. Procuramos mostrar como os dois livros combinam privado e coletivo, história e ficção, real e imaginário, revelando, através de “novas operações de distanciamento e recuperação estética”, uma interessante composição do espaço biográfico na literatura portuguesa contemporânea. Nas palavras de Cardoso Pires, “entre o facto e a ficção há distanciamentos e aproximações a cada passo, e tudo se pretende num paralelismo autônomo e numa confluência conflituosa, numa verdade e numa dúvida que não são pura coincidência”<sup>9</sup>.

<sup>6</sup> ARFUCH, L., *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*, p. 29.

<sup>7</sup> ARFUCH, L., op. cit., p. 51.

<sup>8</sup> SARLO, B., *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, p. 44.

<sup>9</sup> PIRES, J. C., *Balada na Praia dos Cães*, p. 256.

O valor da literatura, enquanto modo de expressão do real que possibilita a instauração de novas relações conceituais, é legitimado pela convicção de Ítalo Calvino, na apresentação de suas célebres *Seis propostas para o próximo milênio*, de que “há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar”<sup>10</sup>. A esta afirmação podemos unir a valorização da narrativa por Paul Ricoeur como a solução poética para as aporias sobre o tempo. Após um estudo tão importante sobre a narrativa como o realizado por Ricoeur, é possível, inclusive, pensar o homem como um “animal narrativo” (*homo fabulans*), ou seja, como aquele que necessariamente conta e interpreta estórias e histórias<sup>11</sup>. Neste sentido, “nós contamos histórias porque as vidas humanas têm necessidade de ser contadas, construídas, formadas, para se obter a fruição do reconhecimento, a catarse”<sup>12</sup>.

Deste modo, entre os cinco valores ou qualidades abordados por Ítalo Calvino, destaco a Leveza, qualidade que, segundo o autor, deve ser buscada na literatura a fim de que esta se oponha ao “peso do viver” do mundo “real”. Com o objetivo de esclarecer a relevância do valor da Leveza na literatura, o pensador italiano recorre, entre outros exemplos e analogias, ao mito de Perseu e Medusa que, para ele, pode ser encarado como uma “alegoria da relação do poeta com o mundo”<sup>13</sup>. A vitória de Perseu sobre a Medusa somente é alcançada porque ele, para enfrentar o peso da realidade, utiliza uma visão indireta de uma imagem capturada num espelho. No entanto, alerta o autor, este movimento não implica a recusa da realidade do mundo, mas revela uma alternativa mais tênue (leve) e necessária para que seja possível enfrentar a dureza dos problemas cotidianos.

Ricardo Piglia, ao retomar as propostas de Calvino<sup>14</sup> e escrever suas *Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)*, amplia as questões levantadas pelo pensador italiano e traz a lume reflexões sobre que outras alternativas indiretas teria então a literatura para narrar o áspero real. Acredito ser possível pensar a expressão autobiográfica explorada por José Cardoso Pires em *E agora, José?* e *De Profundis, valsa lenta* como alternativas narrativas para a expressão da experiência humana. Como vimos, nos dois livros o escritor

<sup>10</sup> CALVINO, I., *Seis propostas para o próximo milênio*, p. 11.

<sup>11</sup> Cf. CURRIE, M., *Postmodern Narrative Theory*, p. 2.

<sup>12</sup> REIS, J. C., “Teoria e história da “ciência histórica”: tempo e narrativa em Paul Ricoeur”. In: FIGUEIREDO, B.; CONDE, M. (orgs), *Ciência, História e Teoria*, p. 112.

<sup>13</sup> CALVINO, I., op. cit., p. 16.

<sup>14</sup> É importante destacar que a obra de Piglia também realiza um diálogo com as “Cinco dificuldades para escrever a verdade” escritas por Brecht.

português utiliza diferentes formas narrativas para abarcar a dura realidade histórica do período de ditadura portuguesa que viveu e o difícil período do acidente vascular que o levou à “morte branca”. Além disso, tal alternativa apresenta-se como um modo de, através do resgate memorialístico, ampliar o conhecimento do leitor sobre esse passado português e sobre um triste episódio na vida de um grande escritor, e também do próprio autor sobre si mesmo e o seu fazer literário.

Como nosso estudo focava-se na escrita autobiográfica e, conseqüentemente, na relação entre a experiência e a sua configuração através da narrativa, deixamos em aberto um aprofundamento teórico acerca da dimensão ética da mimesis (iii). Ciente dessa ausência, a epígrafe foi selecionada para relacionar a compreensão, presente neste último elemento da atividade mimética, com a imaginação, o que abre um caminho para novas investigações a partir do que foi analisado aqui.

Ademais, de forma análoga ao que fizeram Ricoeur e José Cardoso Pires no final das obras aqui mencionadas, a compreensão, de que trata a citação, encontra-se intrinsecamente relacionada à revisão necessária no último momento de uma investigação. Neste sentido, outra brecha se abre ao relacionarmos o entendimento sobre a escrita de teor autobiográfico do escritor português com o restante da sua obra. Se, como apontamos no primeiro capítulo, alcançamos o objetivo inicial de ampliar nosso conhecimento acerca da escrita autobiográfica de José Cardoso Pires, um novo obstáculo surge conseqüentemente. Entre os principais problemas apontados por Phillipe Lejeune na introdução do seu livro sobre o pacto autobiográfico, encontra-se o lugar e a função do texto autobiográfico entre o conjunto das obras de um autor<sup>15</sup>. Sendo assim, a compreensão acerca da constituição desses dois livros de teor autobiográfico em José Cardoso Pires poderia tornar-se o ponto de partida para uma nova investigação sobre o lugar da autobiografia na sua obra.

De todo modo, lembrando mais uma vez que “toda compreensão é imaginação”, o “espaço autobiográfico” que pudemos encontrar e analisar em Cardoso Pires mostra-se, entre os muitos estudos sobre a sua obra, como mais um elemento de interpretação, compreensão e ação imaginativa sobre os modos como

---

<sup>15</sup> Cf. LEJEUNE, P., *Le Pacte Autobiographique*, p. 8.

o escritor português transforma a experiência, muitas vezes inacessível e silenciosa, em discurso ativo, através da sua “escrita a pulso firme no puro do gume, no limite da técnica”<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> ANTUNES, A. L. apud PEDROSA, I., *José Cardoso Pires – Fotobiografia*, p. 116.